

## A origem do sofrimento *The origin of suffering*

Rudolf Steiner<sup>1</sup>



<sup>1</sup>Filósofo e educador (1861-1925), fundador da antroposofia e de suas derivações, como a pedagogia Waldorf, a agricultura biodinâmica, a arquitetura antroposófica, a medicina antroposófica e a eurtímia – dentre outras. GA 55, Palestra III – Berlim, 8 de novembro de 1906.

(GA: abreviatura de *Gesamtausgabe*, edição completa das obras de Rudolf Steiner com 354 volumes.)

Tradução de Jorge K. Hosomi e Moacyr M. Morais do texto em inglês, disponível em <<http://wn.rsarchive.org/GA/GA0055/19061108p02.html>>.

*'Philosopher and educator (1861-1925), founder of anthroposophy and its derivatives, such as Waldorf education, biodynamic farming, anthroposophic architecture, anthroposophic medicine, eurhythmics and others. Lecture III – Berlin, 8th November, 1906. Available in English in: <<http://wn.rsarchive.org/GA/GA0055/19061108p02.html>>.*

(GA: abbreviation of *'Gesamtausgabe'*, complete edition of Rudolf Steiner's works, with 354 volumes.)

Ao olhar para a vida ao redor, ao se examinar e tentar investigar o significado e a importância da vida, o ser humano vê diante do portal da vida uma imagem notável – em parte uma figura de advertência, em parte uma figura completamente enigmática: o sofrimento.

O sofrimento, tão intimamente relacionado com os temas que discutiremos nas próximas palestras sobre o mal, a doença e a morte, surge por vezes para o ser humano tão profundamente associado com a vida quanto com seus maiores problemas. Por isso, o tema do sofrimento tem ocupado a raça humana desde os tempos mais remotos, e sempre que se empenha em estimar o valor da vida e encontrar-lhe significado, as pessoas acima de tudo tentam reconhecer o papel desempenhado pelo sofrimento e pela dor.

Em meio a uma vida feliz, o sofrimento surge para exterminar a paz, amortecer o prazer e a esperança de vida. Aqueles que associam o valor da vida com o prazer e com a felicidade são os que mais sentem o sofrimento, esse exterminador da paz. Quem poderia explicar como em um povo tão cheio de alegria e felicidade pela vida como os gregos, poderia surgir semelhante mancha escura no céu estrelado da beleza da Grécia com a frase do sábio Silenus? Silenus, no cortejo de Dionísio, questiona: "O que é o melhor para o homem? O melhor para o homem não é ter nascido, e uma vez que tenha nascido, então a segunda melhor

coisa é morrer logo após o nascimento." Talvez vocês saibam que Friedrich Nietzsche ao tentar apreender o nascimento da tragédia a partir do espírito da antiga Grécia, associou-a com essa frase para mostrar como, com base na sabedoria e no espírito grego, o sofrimento e a tristeza humana dele decorrente e tudo a ele associado desempenhavam um papel de pleno significado.

Identificamos, porém outra frase da antiga Grécia, da mesma época. É uma frase curta que apresenta indício de que a dor e o sofrimento do mundo não desempenham apenas um papel infelicitador. É a expressão de um dos primeiros autores trágicos da Grécia, Ésquilo: a partir do sofrimento nasce o conhecimento. Aqui duas coisas são trazidas juntas, uma que, sem dúvida, grande parte da humanidade gostaria de bloquear, enquanto que a outra, o conhecimento, é considerado o mais elevado bem da vida.

Pessoas de todas as épocas acreditavam que deviam reconhecer que a vida e o sofrimento estão profundamente entrelaçados – ao menos na vida do homem moderno e das criaturas mais superiores de nosso planeta. Assim no início do relato bíblico da criação o conhecimento do bem e mal e do sofrimento estão intimamente associados. Também podemos ver por outro lado, no meio do Velho Testamento como, a partir da obscura visão da tristeza, desponta uma intensa luminosidade. Ao olharmos ao nosso redor baseado no Velho Testamento e no

estudo do relato da criação, fica claro que sofrimento e pecado nasceram juntos, e o sofrimento era visto como consequência do pecado. No atual modo de pensar, em que o conceito materialista do mundo tudo permeia, não é fácil entender como a causa do sofrimento pode ser buscada no pecado. Porém através da pesquisa espiritual e das observações de antigas épocas, será possível acreditar que tal conexão não é destituída de sentido. Em nossa próxima palestra mostraremos como é possível ver uma conexão entre o mal e o sofrimento. Para os antigos judeus, porém era impossível explicar a causa do sofrimento. Vemos no centro dessa visão que associa sofrimento e pecado a notável figura de Jó.<sup>8</sup> É uma figura que nos mostra, ou parece querer nos mostrar, como o sofrimento e a dor inefável podem ser associados com uma vida totalmente sem culpas, como pode sobrevir dor e sofrimento não merecidos. Vemos nascer na consciência dessa personalidade trágica única, Jó, apesar da associação entre dor e sofrimento, uma afinidade com a valorização do homem. O sofrimento surge então como um teste, como início de ascensão, de um desenvolvimento superior. O sofrimento na tragédia de Jó não tem qualquer origem no mal, ele pode ser a causa primeira, de maneira que o que resulta do sofrimento representa em fase mais aperfeiçoada da vida humana. Tudo o que de algum modo se distancia de nosso pensamento moderno e a atual generalidade da educação das pessoas dificilmente consegue identificar tal conexão. Contudo apenas basta que pensemos em nossas vidas e veremos como o aperfeiçoamento e o sofrimento geralmente caminham juntos e como a humanidade sempre teve consciência dessa vinculação. Tal consciência irá formar uma ponte para o que vamos considerar hoje à luz da ciência espiritual, ou seja, a conexão entre sofrimento e espiritualidade.

Lembrem-se como em algumas tragédias o herói trágico se apresentou diante de seus olhos. O poeta leva o herói reiteradamente através do infortúnio e de conflitos cheios de sofrimento até alcançar o ponto em que a dor alcança o clímax e ele encontra alívio com a extinção do corpo físico. Então aflora na alma do espectador não apenas simpatia pelo herói trágico e tristeza decorrentes dos sofrimentos, mas também aquilo que foi exaltado e construído diante da visão do homem sofrido, aquilo que se viu de sofrimento na morte e, a partir desta a certeza de que há vitória sobre a dor. Sim, mesmo sobre a morte. Em nenhuma manifestação da arte pode essa mais elevada vitória do homem, essa vitória de suas forças e impulsos superiores, vitória dos mais nobres impulsos de sua natureza ser trazida de modo tão sublime diante de seus olhos quanto pela tragédia. Quando a experiência da dor e do sofrimento antecedeu a consciência dessa vitória e, a partir dos feitos que se sucedem repetidamente frente aos olhos do espectador no teatro, identifica-se o que é ainda sentido por grande parte da humanidade atual como o mais elevado fato de toda evolução histórica; quando examinamos o evento

que divide nossa cronologia em duas partes – até a redenção através do Cristo Jesus – então nos surpreendemos que uma das maiores elevações espirituais, um dos maiores soerguimentos e esperanças de vitória a criar raízes no coração humano surgiu a partir da visão histórica mundial do sofrimento. Os gigantescos sentimentos, profundamente mergulhados no coração humano, da concepção terrena cristã, sentimentos que para muitos são esperança e força de vida, conferem-nos segurança de que há uma eternidade, uma vitória sobre a morte. Todos esses sentimentos de suporte e de soerguimento moral nasceram da visão do sofrimento universal, sofrimento que resulta da inocência, um sofrimento ocasionado sem pecado pessoal.

Também aqui vemos que o mais elevado elemento na consciência da humanidade está associado ao sofrimento. E quando vemos como essas coisas, pequenas e grandes, sempre afloram na superfície, como realmente formam a porção básica da totalidade da natureza e consciência humanas, então realmente surge para nós como se de algum modo o sofrimento esteja associado com o que há de mais elevado no homem.

Isto evidencia um impulso básico da alma humana que continuamente se expressa e que significa um grande consolo para o fato de haver sofrimento. Se agora adentrarmos mais intimamente na vida humana encontraremos fenômenos que nos mostrarão o significado do sofrimento. Temos que destacar de modo sintomático um fenômeno que talvez pareça dificilmente associado; porém, se examinarmos mais detidamente a natureza humana, veremos que tal fenômeno também aponta para o significado de determinados aspectos do sofrimento.

Pensem uma vez mais em uma obra de arte, a tragédia. Ela somente surge se a alma do poeta se abrir totalmente, afastar-se de si e aprender a sentir a dor alheia, suportar o peso do sofrimento alheio sobre a própria alma. E agora compare esse sentimento não apenas com a comédia – pois então não teríamos uma boa comparação – mas com algo que de certa maneira também pertence à arte, com a atmosfera que permite surgir a caricatura (paródia). Essa atmosfera, talvez ridícula e com escárnio, expressa na caricatura o que acontece na alma humana do outro e surge na ação externa. Tentemos colocar diante de nós dois homens em que um avalia de modo trágico um evento ou um ser humano, enquanto que o outro o compreende como caricatura. Não é apenas uma comparação, nem apenas uma imagem quando dizemos que a alma do poeta trágico e artista surge como se saísse de si mesma e se tornasse mais e mais ampliada. Contudo o que é revelado para a alma através dessa expansão? O entendimento da outra pessoa. Entendemos a vida do outro apenas trazendo para a própria alma o peso da dor alheia. Porém, o que devemos fazer se quisermos uma paródia, uma caricatura? Não devemos ir em direção ao que o outro sente, devemos nos colocar acima dele, nos afastarmos, e esse afastamento de si é a base

<sup>8</sup>N.E.: Vide: Thackray D. Por que eu, oh Senhor? – Jó e a questão do sofrimento. *Arte Méd Ampl.* 2016;36(4):147-50.

da caricatura. Ninguém irá negar que assim como através da compaixão trágica a personalidade do outro se torna mais profundamente compreensível, o que surge na caricatura é o que vive na personalidade do caricaturista. Aprendemos a conhecer a superioridade, a perspicácia, o poder de observação, a fantasia de quem faz a caricatura mais do que o caricaturado.

Todavia, se demonstramos de algum modo que o sofrimento está associado com algo profundo na natureza humana, então podemos ter esperanças de que através do entendimento da real natureza do homem a origem da dor e do sofrimento também pode se tornar clara para nós.

A ciência espiritual que aqui representamos tem seu ponto de partida no fato de que toda a existência tem origem no espírito. Uma visão mais materialista vê o espírito apenas como a finalização da criação perceptível, acima de tudo como o fruto da natureza física de que se origina.

Nas duas últimas palestras [11 e 25 de outubro de 1906] foi demonstrado como à luz da ciência espiritual temos a imagem da totalidade humana – o homem físico, o anímico e o espiritual. O que podemos ver com nossos olhos, perceber externamente através dos sentidos, o que o materialismo considera o único ser da natureza é, para a ciência espiritual, apenas o primeiro membro do ser humano – o corpo físico. Sabemos que apresenta substâncias e leis comuns a todo o resto do mundo inanimado. Mas sabemos também que esse corpo físico é chamado para a vida através do que chamamos de corpo etérico ou organização vital. Sabemos disso, pois, para a ciência espiritual, a organização vital não é uma especulação, mas uma realidade que pode ser vista quando os sentidos elevados adormecidos no homem se tornam ativos. Observamos a segunda porção do ser humano, a organização vital, como algo que o homem tem em comum com o mundo vegetal. Vemos o corpo astral ou organização anímica como o terceiro membro do ser humano; ele é o portador das simpatias e antipatias, dos desejos e das paixões que o homem tem em comum com o animal. E então vemos que aquela autoconsciência humana, a possibilidade de se referir como 'eu', é o coroamento da natureza humana, que o homem tem em comum com nenhum outro ser vivente. Vemos que o 'eu' desponta como o florescimento dos três corpos ou organizações física, etérica ou vital e astral ou anímica. Assim identificamos a conexão dessas quatro organizações com aquilo que sempre a ciência espiritual apresentou. A 'quadratura' pitagórica nada mais é que a quadrimembração: organização física, organização vital, organização anímica e o eu. Aqueles que se ocupam mais profundamente com a ciência espiritual sabem que o eu opera a partir de si no que chamamos personalidade espiritual ou *manas*, vitalidade espiritual ou *buddhi* e o real homem espírito ou *atma*.

Isso lhes é uma vez mais apresentado para que possamos nos orientar de maneira correta. O homem, portanto, surge para o investigador espiritual como um ser quadrimembrado. Agora atingimos o ponto em que a verdadeira pesquisa espiritual, que vê por trás dos seres com os olhos do espírito e pe-

netra nas mais profundas leis da existência, difere totalmente da maneira puramente externa de observação. É verdade que quando um homem se coloca diante de nós também dizemos que as leis químicas e físicas são o fundamento do corpo da vida, das sensações, da consciência, da autoconsciência. Porém, ao adentrarmos na vida apoiados na ciência espiritual vemos que as coisas são exatamente o reverso. A consciência que surge do corpo físico, que no sentido fenomênico surge como o último, é para nós o elemento criativo original. Na base de todas as coisas percebemos o espírito consciente e, por isso, o pesquisador espiritual vê como absurda a questão: De onde vem o espírito? – Isso jamais pode ser perguntado. É possível apenas perguntar: De onde vem a matéria? Para a pesquisa espiritual a matéria provém do espírito, é apenas o espírito densificado.

Para comparar, imagine uma vasilha com água. Pense que parte da água foi resfriada até se tornar gelo. E agora pergunto o que é o gelo? É água, água sob outra forma, em estado sólido. Essa é a maneira que a ciência espiritual vê a matéria. Assim como a água está relacionada com o gelo, está o espírito para a matéria. Assim como o gelo nada mais é que um resultado da água, também a matéria resulta do espírito, e como o gelo pode se tornar água novamente, também o espírito que originou a matéria pode se transformar e a matéria pode se dissolver novamente no espírito.

Assim vemos o espírito em eterna circulação. Vemos o espírito que flui através do Universo, vemos os seres materiais surgirem a partir dele, densificando-se, e novamente por outro lado vemos seres que se evaporam novamente. Hoje tudo o que nos circunda como matéria é algo que como espírito fluía e se tornou rígido. Em todo ser material vemos o espírito enrijecido. Assim como precisamos apenas trazer o calor necessário diante do gelo para torná-lo água novamente, também precisamos trazer o espírito para os seres ao nosso redor para renovar-lhes o espírito. Falamos de um renascimento do espírito que fluiu para a matéria e ali se encontra enrijecido. Isto faz com que o corpo astral ou organização anímica – o portador das simpatias e antipatias, dos desejos e das paixões – surja não como algo que pudesse se originar da vida física, mas do mesmo elemento que vive em nós como espírito consciente, como algo que surge para nós como o elemento fluindo através do mundo todo e sendo dissolvido novamente a partir da matéria, através do processo da vida humana. O que surge como derradeiro é ao mesmo tempo o primeiro. Ele produziu o corpo físico e, do mesmo modo, o corpo etérico (organização vital) e quando ambos alcançaram determinado grau de desenvolvimento parece nascer de ambos sob nova forma.

Assim é como a ciência espiritual vê as coisas. Agora esses três membros – apenas usamos palavras para esclarecer – surgem para nós sob três nomes distintos. Percebemos a matéria com determinada aparência, surgindo para nós no mundo exterior de certa maneira. Falamos de forma, da aparência da matéria e de vida que surge na forma e, finalmente, de consciência

que surge no interior da vida. Assim falamos de três estágios: corpo físico (organização física), corpo etérico (organização vital), corpo astral (organização anímica) e também de três estágios: forma, vida, consciência. Somente a partir da consciência pode surgir a autoconsciência. Não nos ocuparemos com isso hoje, mas em nossa próxima palestra [Berlim, 22/11/1906 – A origem do mal].

Pessoas de todas as épocas e particularmente as dos dias atuais refletiram sobre o significado da vida e suas origens. A atual ciência natural foi capaz de fornecer algumas pistas para o significado e a natureza da vida. Uma coisa, no entanto, a mais recente pesquisa da ciência natural aceitou por algum tempo, algo que foi exposto repetidamente como um fato também pela ciência espiritual. Isto é: a vida no interior do mundo físico se distingue fundamentalmente da substância do assim chamado inanimado apenas através da multiplicidade e da complexidade de sua formação. A vida somente pode estar presente ao identificarmos uma estrutura muito mais complexa da que existe no reino mineral. Talvez vocês saibam que a substância básica da vida seja uma espécie de substância albuminosa para a qual a expressão 'albumina viva' não seria inapropriada. Essa albumina viva difere essencialmente da albumina inanimada, morta, por causa de determinada característica. A albumina viva se desintegra diretamente para garantir a vida. A albumina morta, por exemplo, aquela do ovo da galinha, não pode ser mantida por qualquer período de tempo na mesma condição. É o caráter essencial da substância viva que o momento em que a vida a abandona, ela não mais consegue preservar suas partes unidas. Embora hoje não possamos seguir adiante no estudo da natureza da vida, ainda assim um fenômeno pode indicar algo que está profundamente associado com a vida e a caracteriza. E qual é essa característica? É apenas essa peculiaridade da substância viva que se desintegra quando a vida a abandona. Pense numa substância despojada de vida – ela se decompõe, apresenta a peculiaridade de se dispersar. O que faz então a vida? Ela luta reiteradamente contra a desintegração; assim a vida é preservada. Este é o jovem elemento da vida: ele sempre resiste ao que iria ocorrer em sua substância. A vida na substância quer dizer: resistência frente à deterioração, à decomposição. Compare com a vida os processos externos de morte e ficará claro que a vida não mostra o que caracteriza o processo de morte – a desintegração em si. Repetidamente ela impede a decomposição de substância e se coloca contra a deterioração. Assim, visto que a vida sempre renova a substância que está se desintegrando em seu interior, ela é o fundamento da existência física e da consciência.

Esta não é mera explanação verbal; seria caso o que significa não fosse continuamente exercida. No entanto, precisamos apenas observar uma substância viva e veremos que ela continuamente se apropria da matéria exterior, incorpora em si, na mesma proporção em que se torna destruída: um processo pelo qual a vida trabalha perpetuamente contra a destruição. De fato, devermos lidar com a realidade.

Eliminar material obsoleto e, novamente formar o novo – isto é, vida. Porém a vida não é até o momento sensação, nem é consciência. É essa espécie de imaginação infantil que faz inúmeros cientistas terem essa falsa ideia de sensação. Para os vegetais a que devemos imputar vida, eles também atribuem sensação. Se alguém afirma isso é porque inúmeras plantas fecham suas folhas e flores por causa de estimulação externa, como se sentissem, então também poderíamos dizer que o papel de tornassol, que se torna vermelho através de estímulo externo, tem sensações. Poderíamos também atribuir sensação a substâncias químicas, pois reagem sob determinadas influências. Porém isto não basta. Para ter sensação, o estímulo deve ser refletido internamente. Apenas então podemos falar do primeiro elemento de consciência, de sensação e sentimento. E qual é esse primeiro elemento de consciência? A consciência somente pode surgir onde houver vida, somente pode emergir da vida. Sempre que a vida for continuamente destruída como vida, quando um ser permanecer próximo ao limiar entre a vida e a morte, quando a vida ameaça continuamente se desprender da substância viva, então a consciência desperta. E como no primeiro caso a substância teria se desintegrado se a vida não a tivesse permeado, agora a vida nos parece estar dissipada se um novo princípio, a consciência, não for acrescentado a ela. Podemos então entender a consciência apenas afirmando: assim como a vida está lá para renovar determinados processos, em cuja ausência a matéria se decomporia, assim lá está a consciência para renovar continuamente a vida que, caso contrário, extinguir-se-ia.

Nem toda vida pode sempre se renovar internamente dessa maneira. Ela deve ter alcançado um estágio superior para se renovar em si mesma. Apenas uma vida que é saudável em si a ponto de constantemente tangenciar a morte em sua interioridade pode despertar para a consciência. Ou não haveria vida que a todo o momento tenha a morte em si? Basta olhar para a vida humana e lembrar o que foi dito na última palestra: "O sangue é um fluido muito especial". A vida humana se renova continuamente a partir do sangue, e um sábio psicólogo alemão disse que o homem tem um duplo (*Doppelgänger*) do qual ele continuamente absorve forças. Porém, o sangue também apresenta outro poder: continuamente ele cria a morte. Quando o sangue deposita substâncias que despertam a vida nos órgãos corporais, ele transporta as forças de destruição da vida novamente para o coração e para os pulmões. O que flui de volta para os pulmões é venenoso para a vida e faz a vida sucumbir continuamente.

Se um organismo trabalha contra a desintegração e decadência, então ele é um ser vivo. Se for capaz de permitir que a morte desperte em sua interioridade e a transformar continuamente em vida, então a desperta consciência. A consciência é a mais poderosa de todas as forças. A consciência é aquela força a ser criada em meio à vida, que faz a vida ressurgir eternamente. A vida é um processo que se relaciona com o mundo exterior e o interior. A consciência, no entanto, é um processo que tem a ver somente com o mundo interior. Uma substância

que pode morrer externamente não pode se tornar consciente. Uma substância somente pode se tornar consciente se criar a morte em seu próprio centro e superá-la. Assim a morte – como afirmou um prestigiado teósofo alemão – não é apenas a origem da vida, mas também a origem da consciência.

Ao compreendermos essa associação então basta olhar para os fenômenos com olhos abertos e a dor parecerá compreensível. Tudo o que desperta a consciência é originalmente dor. Quando a vida se manifesta externamente, quando vida, o ar, o calor, o frio encontram um ser vivo, então tais elementos externos atuam sobre ele. Porém enquanto apenas atuam sobre ele, enquanto são experimentados pelo ser vivo, enquanto atuam sobre o vegetal como portador de processos vitais internos, enquanto isso acontece nenhuma consciência surge. A consciência somente desperta quando esses elementos externos se opõem à vida interior e ocorre uma destruição. A consciência deve resultar da destruição da vida. Sem uma morte parcial, um raio de luz não é capaz de penetrar um ser vivo, o processo jamais pode ser estimulado no ser vivo sem o despertar da consciência. Mas quando a luz penetra na superfície da vida, produz uma destruição parcial, fraciona as substâncias e forças internas, então surge aquele misterioso processo que ocorre em todo o mundo externo de modo bastante definido. Imaginem que as forças inteligentes do mundo tivessem ascendido a uma altura em que a luz e o ar externo lhes fossem estranhas. Elas permaneceriam em harmonia com eles apenas por um período de tempo, e então acabariam por se aperfeiçoar e surgiria uma oposição. Se pudessem seguir tal processo com os olhos do espírito, então veriam como quando um raio de luz penetra em um ser simples, a pele se transforma e surge um diminuto olho. No entanto, o que é que ali brilha na substância? No que essa destruição sutil (pois é destruição) se manifesta? Em dor, que nada mais é do que uma expressão da destruição. Sempre que a vida se insurge contra a natureza externa, ocorre uma destruição e quando se torna maior até mesmo resulta em morte. A partir da dor nasce a consciência. O processo real que criou os olhos humanos teria sido um processo destrutivo se tivesse exercido controle sobre a natureza que se desenvolveu no ser humano. Porém ele se apoderou apenas de pequena parte da destruição e da morte parcial para que pudesse criar aquele espelhamento do mundo exterior que chamamos de consciência. A consciência na matéria, portanto, nasceu a partir do sofrimento, em decorrência da dor.

Ao percebermos essa associação entre sofrimento e dor com o espírito consciente que nos rodeia, poderemos compreender perfeitamente as palavras de um iniciado cristão que conhecia tais coisas de maneira básica e intuitiva e via a dor na base de toda a vida consciente. São essas tais palavras: “Toda a criação geme e sofre como que dores de parto até o presente dia”. Nós a encontramos no capítulo VIII da Epístola de Paulo aos Romanos como uma bela expressão dos fundamentos da consciência na dor. Assim também podemos entender como pensadores atribuíram papel decisivo para a dor. Gostaria de

lhes destacar apenas um exemplo. Um importante filósofo alemão afirma que quando olhamos a natureza ao redor, vemos a expressão de dor e sofrimento em toda a sua fisionomia. Sim, ao observarmos atentamente os animais superiores eles apresentam uma expressão plena de sofrimento. E quem não concordaria que a fisionomia animal se assemelha à manifestação de dor profundamente arraigada?

Se olharmos então para a matéria da maneira descrita veremos a origem da consciência a partir da dor, de modo que um ser que aperfeiçoa a consciência a partir da destruição favorece o surgimento de elemento mais elevado da decomposição da vida, cria a si mesma continuamente a partir da morte. Se o ser vivo não pudesse sofrer, jamais a consciência poderia surgir. Se no mundo não houvesse morte jamais o espírito poderia existir no mundo visível. Essa é a força do espírito – ou seja transforma a destruição em algo ainda mais superior que a vida, e em meio às formas de vida um estado mais elevado, a consciência. Continuamente sempre vemos diferentes experiências de dor desenvolver órgãos de consciência. Vemos isto nos animais que, por uma defesa externa apenas apresentam uma consciência reflexa, assim como o ser humano fecha os olhos como proteção contra uma ameaça. Quando o reflexo não é mais suficiente para proteger a vida interior, quando o estímulo se torna muito forte, então a força interior de resistência surge e dá à luz aos sentidos, às sensações, à visão e à audição. Sabemos que funciona assim talvez graças a uma experiência desagradável ou mesmo instintiva. Na verdade sabemos a partir de um elevado estado de consciência que o que foi dito é pura verdade. Um exemplo tornará ainda mais claro. Quando sentimos determinado órgão interno de nosso corpo? Caminhamos pela vida e não sentimos o estômago, o fígado ou os pulmões. Não sentimos nenhum dos órgãos enquanto estão saudáveis. Somente os sentimos quando neles surge dor e então realmente sabemos ter esse ou aquele órgão quando nos incomoda, quando sentimos que algo não está ali funcionando e que está começando um processo de destruição.

Então se tomarmos tal exemplo e explicação veremos que a vida consciente nasce continuamente da dor. Se a dor surge na vida, ela gera sensações e consciência. Esse dar à luz, esse alcançar um elemento mais elevado se reflete novamente na consciência como prazer, e jamais haveria prazer a menos que anteriormente houvesse dor. Na vida terrena que apenas desperta a partir da materialidade, ainda não há prazer. Porém quando a dor produzir consciência e atuar mais adiante criativamente como consciência, então tal criação está em nível mais elevado e se expressa em sentimento de prazer. A criação se baseia no desejo e no prazer. O prazer somente pode surgir quando a criação interior ou exterior for possível. De algum modo, a criação repousa em bases da felicidade, enquanto que a infelicidade se baseia na necessidade da criação.

Tome algo que expresse o sofrimento em nível inferior, o sentimento de fome, por exemplo, que pode destruir a vida. Livramo-nos disso com alimentação, e o alimento ingerido se

torna prazeroso, pois significa ampliação, produção de vida. Vemos que tal criação elevada, prazerosa, surge com base na dor. Portanto antes do prazer identificamos o sofrimento. Portanto, a filosofia de Schopenhauer e de Eduard von Hartmann pode justificar que o sofrimento seja um sentimento de vida comum. No entanto, eles não retrocedem o suficiente para a origem do sofrimento, não alcançam o ponto em que o sofrimento evolui para algo mais elevado. A origem do sofrimento é encontrada onde a consciência desperta da vida, onde o espírito nasce da vida.

Portanto, também podemos entender o que se manifesta na alma humana a partir da conexão entre sofrimento e dor com conhecimento e consciência, e ainda podemos provar como, a partir da dor, nasce um estado mais nobre, mais perfeito.

Aqueles que estiveram presentes em minhas palestras se lembrarão da referência a uma espécie de iniciação em que a consciência superior adentra e o ser humano se eleva de uma simples percepção sensorial para a observação do mundo espiritual. Afirmei que forças e faculdades adormecidas na alma humana podem ser despertadas, assim como a faculdade de visão pode ser alcançada por alguém cego de nascença, de modo que um novo homem ressurgirá para quem a totalidade do mundo se transforme em estágio mais elevado. Como no caso do cego de nascença, as coisas surgirão sob nova luz para a espiritualidade nascida. Ainda que isso apenas possa ocorrer se o processo há pouco descrito seja retomado em nível mais elevado, o que estava unido no homem comum se torna separado e uma espécie de processo de destruição adentra na natureza humana inferior. Então a consciência superior, o observador do mundo espiritual, pode entrar.

Há três forças na natureza humana: pensar, sentir e querer. Essas três dependem da organização física do ser humano. Determinados atos volitivos surgem após a ocorrência de alguns processos de pensamento e sentimento. O organismo humano deve funcionar de maneira correta se essas três forças estão harmonizadas. Se algumas das transmissões são interrompidas, certas partes adoecem, e então a adequada harmonia deixa de existir entre o pensar, o sentir e o querer. Se os órgãos volitivos estiverem enfraquecidos, o homem é incapaz de transformar seus pensamentos em impulsos volitivos. Ele fica fraco como um homem de ação; sem dúvida ele pode pensar, mas não consegue colocar seus pensamentos na prática, na realidade. Outro caso é quando uma pessoa não consegue deixar seus sentimentos serem guiados pelos pensamentos, isto é, deixar de apresentar sentimentos em harmonia com os pensamentos que lhes antecedem. A insanidade é basicamente isto.

No homem contemporâneo normalmente constituído é encontrada uma harmonia entre o pensar, o sentir e o querer diferentemente daquele que está sofrendo. Isto é natural para determinados estágios evolutivos, mas devemos observar que tal harmonia existe inconscientemente no homem

atual. Se tiver que ser iniciado, contudo, se quiser acessar mundos superiores, então aqueles três membros, o pensar, o sentir, o querer, devem estar separados entre si. Os órgãos da volição e dos sentimentos devem sofrer uma divisão e, por isso, a organização física de um iniciado é diferente daquela de um não iniciado. A anatomia não consegue provar isso, mas o contato entre o pensar, o sentir e o querer é interrompido. O iniciado seria capaz de ver alguém sofrendo profundamente sem ser abalado por qualquer sentimento, poderia permanecer calmo e apenas observar. Por que isto acontece? Em um iniciado nada deve ser inconscientemente interligado; ele é um homem compassivo a partir da liberdade e não porque algo externo o obriga a ser. Esta é a diferença entre um iniciado e um não iniciado. É como se essa consciência superior criasse uma substância superior e o ser humano se dividisse em homem-sentimento, homem-volição e um homem-pensamento. Dirigindo essas três porções surge pela primeira vez o novo homem superior e a partir dessa consciência superior essa trimembração é harmonizada. Aqui novamente a morte, a destruição também intervém. Se tal destruição surgisse sem o aparecimento concomitante de uma nova consciência, também surgiria a insanidade. A insanidade nada mais é do que a condição em que o ser humano foi abalado sem o surgimento de uma autoridade consciente superior.

Também aqui há um duplo elemento: uma espécie de processo destrutivo do inferior ladeado por um processo criativo do superior. Um veneno é criado no sangue venoso, e assim como no homem normal a consciência é criada entre o sangue venoso e o arterial, também no homem iniciado a consciência superior é criada internamente na cooperação de vida e morte. E o estado de beatitude surge a partir de um prazer superior, a criação, que procede da morte.

Isso é o que o homem sente instintivamente quando percebe a misteriosa conexão entre dor e sofrimento e o superior que o homem pode alcançar. Por essa razão o poeta trágico, à medida que seu herói sucumbe ao sofrimento, deixa tal sofrimento aflorar como sentimento de vitória da vida, a consciência da vitória do eterno sobre o temporal. E assim na destruição da natureza terrena do Cristo Jesus em dor e sofrimento, em angústia e miséria, a cristandade claramente identifica a vitória da vida eterna sobre o temporal e transitório. Assim também nossa vida se torna mais rica, mais plena de conteúdo, quando a deixamos ampliar sobre o que repousa fora de nosso próprio eu, quando podemos entrar na vida que não é a nossa.

Assim como criamos uma consciência superior a partir da dor estimulada através de raio de luz externa e superada por nós como seres vivos, também a criação na compaixão nasce quando transformamos o sofrimento alheio em nossa consciência ampliada de mundo. E então finalmente a partir do sofrimento nasce o amor. Pois o que é o amor senão espalhar a própria consciência sobre os outros seres? Quando nos privamos,

entregamos, nos tornamos mais pobres por nos doarmos ao próximo, quando somos capazes, assim como a pele recebe o raio de luz e é capaz a partir da dor de formar um ser superior, então o amor, a compaixão por todas as criaturas, nasce em nós a partir daquilo que abdicamos para o outro.

Isto também enfatiza a expressão do poeta grego: a partir da vida nasce a aprendizagem; a partir do aprendizado, o conhecimento. Uma vez mais, como enunciado na palestra anterior, uma recente pesquisa de ciência natural tangencia os resultados da antiga investigação espiritual. A mais antiga pesquisa espiritual já afirmava que o conhecimento superior apenas pode resultar do sofrimento. Quando temos um membro doente (braço, perna etc.) e que resulta em dor, então conhecemos tal membro melhor que tudo. Do mesmo modo, conhecemos melhor o que depositamos em nossa própria alma. O conhecimento flui de nosso sofrimento como seu fruto.

Também o mesmo assinala a crucificação do Cristo Jesus que foi imediatamente seguida, como ensina o cristianismo, pela efusão do Espírito Santo no mundo. Agora entendemos a vinda do Espírito Santo a partir da crucificação do Cristo Jesus como um processo apresentado na parábola do semeador.\*\* O novo fruto deve surgir da destruição, e assim também o Espírito Santo, que foi vertido sobre os apóstolos na Festa de Pentecostes, nasceu da destruição, da dor sofrida na cruz. Isso é claramente expresso no Evangelho de João (7, 39) onde é dito: "Dizia isso, referindo-se ao Espírito que haviam de receber os que cressem nele, pois ainda não fora dado o Espírito, visto que Jesus ainda não tinha sido glorificado." Aquele que lê esse Evangelho com mais profundidade verá por si mesmo que coisas significativas dali emergem.

Podem-se ouvir muitas pessoas dizerem que não se esqueceram da dor, pois ela lhes conferiu conhecimento. Todos os que morreram poderiam garantir que é verdade o que acabei de lhes dizer. Lutariam as pessoas contra a destruição que lhes atinge até a morte real se a dor não estivesse continuamente ao lado delas como um guardião da vida? A dor nos alerta para que tenhamos que tomar precauções contra a destruição da vida. A partir da dor criamos vida nova. Nas observações de um cientista natural moderno sobre a expressão de um filósofo, lemos que na tranquilidade do filósofo repousa algo como uma dor controlada.

Quando ocorre a estimulação que flui do conhecimento obtido através da dor, quando se torna verdade que a partir

do sofrimento aprendemos, então não é sem motivo – como veremos na próxima palestra – que a história bíblica da criação traz o conhecimento do bem e do mal associado com a dor e o sofrimento. E isso sempre foi justamente enfatizado por quem observa mais profundamente como a origem da purificação, da recuperação da natureza humana repousa na dor. Quando a concepção cósmica da ciência espiritual com suas grandes leis de destino, carma, afirma que o atual sofrimento humano está associado ao que ele cometeu de erros em vidas passadas, então entendemos tal conexão apenas a partir da natureza mais profunda do homem. O que trouxemos para o mundo externo de uma vida passada é transformado a partir de forças básicas em superiores. O pecado é como um veneno que se torna remédio quando transformado em substância de vida. E assim o pecado pode contribuir para o fortalecimento e crescimento do homem; na história de Jó a dor e o sofrimento nos são mostrados como ampliação do conhecimento e do espírito.

Isto tudo é para ser apenas um esboço para identificar a conexão entre a vida terrena e a dor e o sofrimento. É para mostrar como podemos identificar o significado da dor e do sofrimento quando vemos como endurecem, cristalizam a matéria e os organismos até o ser humano e como, através da dissolução do que foi enrijecido, o espírito pode novamente nascer em nós, quando identificamos que a origem do sofrimento e da dor está no espírito. O espírito nos confere beleza, força, sabedoria, a imagem transformada da morada da dor. Um brilhante homem, Fabre d'Olivet,\*\* estabeleceu uma justa comparação ao mostrar como o mais superior, o mais nobre e o mais puro na natureza humana surge a partir da dor. Ele disse que o surgimento da sabedoria e da beleza a partir do sofrimento é comparável a um processo da natureza, ao nascimento de uma valiosa e bela pérola. Pois a pérola nasce da dor da ostra, da destruição interior da ostra. Como a beleza da pérola nasce da dor e do sofrimento, também o conhecimento, a natureza nobre do homem e o purificado sentimento humano nascem do sofrimento e da dor.

Podemos, pois ecoar das palavras do antigo poeta grego Ésquilo: A partir do sofrimento nasce a aprendizagem; a partir da aprendizagem, o conhecimento. E assim como a respeito de muitos outros temas, podemos dizer que compreendemos a dor somente quando não apenas a examinamos, mas quando buscamos sua origem. E como inúmeras outras coisas, também a dor é conhecida apenas por seus frutos.

\*\*N.T.: Mateus 13.

\*\*\*N.T.: Antoine Fabre d'Olivet, escritor francês (1767-1825).